



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Gabriel Dias Rosa Salles

Homofobia no futebol: debatendo a masculinidade

Rio de Janeiro

2021

Gabriel Dias Rosa Salles

Homofobia no futebol: debatendo a masculinidade

**Projeto de monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico em Biotecnologia.**

Orientador(a): Jonathan Moura

Rio de Janeiro

2021

Dedico esse trabalho a Deus, e aos meus familiares e amigos que me apoiaram na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional.

Agradeço ao meu orientador, pelas dicas e aconselhamentos.

Agradeço a minha família e amigos.

“ Defina metas elevadas e não pare até conseguir”

Bo jordan

Resumo

Este projeto tem como objetivo analisar a participação dos clubes de futebol na luta contra a homofobia, em especial, e se a manifestação de homofobia e racismo existe da mesma forma. Além de entender o conceito de masculinidade que foi criado pela sociedade e a construção da ideia de futebol como um esporte voltado para homens heterossexuais.

Palavras-chave: homofobia, futebol, masculinidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 JUSTIFICATIVA.....	10
2 OBJETIVOS	11
3 METODOLOGIA	12
4 CAPÍTULO 1- A Homofobia no futebol	13
5 CAPÍTULO 2- A criação de uma masculinidade problemática e o futebol como esporte voltado para homens heterossexuais	20
6 CAPÍTULO 3 – Punições no futebol	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1 INTRODUÇÃO

É incontestável que o preconceito é um dos maiores e mais graves problemas em nossa sociedade. No futebol, não poderia ser diferente. A homofobia, em especial, está presente no futebol. Nos estádios, as principais manifestações de homofobia se dão na forma de violência verbal. Porém, essa violência acaba constituindo de forma bastante significativa o que podemos chamar de currículo de masculinidades dos torcedores de futebol (BANDEIRA, 2010). Isso faz com que torcedores LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) se afastem do futebol, muitas vezes, por ser um ambiente hostil para esse determinado público. Mediante essa situação do futebol os jogadores acabam não assumindo sua sexualidade por medo de terem suas carreiras prejudicadas.

O Supremo Tribunal Federal (STF) determinou em junho de 2019 que a homofobia seria considerada crime no Brasil. Por conta disso, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidiu ser mais rígido com atos homofóbicos no futebol. Dessa forma, o clube que estiver envolvido em casos de homofobia pode perder pontos ou até mesmo ser desclassificado da competição. O primeiro exemplo público em que essa ação jurídica teve uma propagação, foi o jogo entre São Paulo e Vasco válido pelo Campeonato Brasileiro, o primeiro jogo paralisado por conta de cantos homofóbicos. O árbitro Anderson Daronco, além de ter paralisado a partida até os cantos pararem, relatou os gritos homofóbicos na súmula. O Vasco da Gama poderia ter perdido os pontos da partida por causa dos cantos, mas isso acabou não acontecendo, pois os procuradores do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) entendem que o clube agiu imediatamente para cessar a manifestação preconceituosa, com avisos no alto-falante e no placar eletrônico de São Januário. Esse episódio fez com que os 20 clubes da série A se posicionassem contra a homofobia em suas redes sociais.

Esse posicionamento dos clubes leva a um dos questionamentos do trabalho: os clubes fazem campanhas por marketing ou realmente estão engajados na luta? A verdade é que poucos clubes realizam ações constantes para a conscientização da torcida. Um desses clubes é o Esporte Clube Bahia. As últimas campanhas de combate à homofobia levaram à criação de uma torcida, a LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). tricolor, que é autônoma mas tem o apoio do clube. “Sempre fui torcedor do Bahia, mas depois que assumi que era gay, eu parei de ir ao estádio. Aquele ambiente era perigoso para mim. As campanhas do clube abriram a possibilidade de participação. O Bahia nos chamou para dentro e já é um

parceiro da torcida LGBT”, diz Onã Rudá Silva Cavalcanti, diretor da União Nacional LGBT Bahia e criador da torcida.

Para lutar contra o machismo e a homofobia no futebol diversas torcidas LGBT foram criadas, a maioria já acabou por conta do preconceito sofrido ou até mesmo por conta de ações do próprio clube, um exemplo é a Fla-gay, uma das primeiras torcidas LGBT a ser criada(1979) e o primeiro jogo que a torcida estava presente foi um Flamengo versus Fluminense. Nesta oportunidade, o Fluminense ganhou de 3x0, após essa derrota o presidente do Flamengo declarou que a derrota foi praga da Fla-gay, isso dificultou a continuação da mesma e mais para frente ela tentou voltar, porém a diretoria do clube se mostrou contrária a volta. A torcida LGBT do Bahia é exceção hoje em dia (no Brasil), isso mostra como é importante o clube fazer campanhas contra a homofobia.

Um dos principais problemas para a criação de novas torcidas LGBT é que essas são usadas de forma pejorativa pelos adversários. Voltando na história, o Grêmio também teve uma torcida LGBT, a Coligay (criada em 1977) que também não conseguiu se manter. Em um jogo válido pelas quartas de final da Copa Libertadores, entre Grêmio e Caracas, foi vista uma faixa da Coligay, provavelmente se tratava de uma provocação, pois a mesma estava na torcida do Caracas, isso mostra como a homofobia está presente no futebol além de coros e xingamentos homofóbicos, assim, por conta dessas "zoações" muitos torcedores são ou foram contra a criação de torcidas LGBT.

É de extrema importância que os clubes realmente se posicionem em relação aos preconceitos, uma vez que o esporte tem muita visibilidade e importância na nossa sociedade. Hoje em dia os clubes estão mais participativos em relação a homofobia, porém, será que é suficiente para o tamanho do problema existente no esporte? Se considerarmos o exemplo das torcidas lgbt, onde as torcidas que não recebem apoio do seu clube dificilmente se mantêm, a resposta é não.

1.1 Justificativa

A justificativa para a escolha desse tema é pela grande visibilidade que o futebol tem em relação a nossa sociedade atual. Mesmo o futebol se mostrando negativo e ultrapassado em alguns pontos, hoje em dia já se tem questões sociais importantes envolvendo o mesmo. Uma muito recente é em relação ao coronavírus, logo no início da pandemia alguns clubes se colocaram a disposição para ajudar: “Colocamos um de nossos centros de treinamento a disposição do governo para receber pacientes da Covid-19, o tempo que precisar”, disse o Bahia em sua conta no Twitter, além de se posicionarem nas redes sociais explicando o perigo do vírus. Mesmo com a volta dos campeonatos alguns clubes se mostraram contrários, como Fluminense e Botafogo. Também com a criação de torcidas antifascistas, que participam de atos e protestos e até mesmo clubes que saem do clichê em relação a homofobia e apoiam a causa mais veemente. Ao longo da monografia vou citar clubes, como o Bahia e o Ceará e mostrar a diferença que eles fazem no esporte. Por isso a necessidade de se comentar sobre pautas sociais no esporte, o projeto vai abordar de forma mais ampla assuntos como homofobia e o racismo no futebol.

Outra questão importante do trabalho vai ser debater sobre a masculinidade criada pela sociedade e entender os problemas que ela vem causando ao longo dos anos. E por fim, voltando ao futebol, analisar a construção do mesmo como esporte voltado para homens heterossexuais.

2 Objetivos

Objetivo geral

Apontar a homofobia no futebol

Objetivos específicos

Analisar a construção do futebol como esporte voltado para homens heterossexuais.

Apontar como os times se empenham em combater o racismo e fazem pouco movimento em relação à homofobia

Descrever a construção de uma masculinidade que preza por um conjunto de traços que colocam o homem como um homem de “verdade”.

3- Metodologia

A metodologia utilizada nesta monografia será a qualitativa por ser uma pesquisa que aborda o preconceito no futebol, em especial, a homofobia. Dessa forma, a revisão bibliográfica será norteadora além do uso das palavras-chaves: masculinidade, homofobia, futebol as quais serão pesquisadas em livros, artigos e documentos por meio da busca nas plataformas digitais como: *Google Acadêmico* e bases de dados na internet de Bibliotecas virtuais de intuições acadêmicas. Para a filtragem da pesquisa, o requisito são textos publicados no idioma português

4- Capítulo 1 – A Homofobia no futebol

Segundo o Atlas do Esporte no Brasil, estudo mais completo até hoje (feito em 2003), afirma que o futebol é praticado por mais de 30 milhões de brasileiros (FUJITA, 2008). Apesar de o futebol ser o esporte mais praticado no Brasil, ele surgiu na Inglaterra e chegou aqui através de Charles Miller, filho de um inglês e de uma brasileira, e a chegada do esporte no Brasil tem como versão oficialmente aceita o ano de 1894. Enquanto esteve na Inglaterra, Charles jogou o esporte no time do condado de Southampton e retornou ao Brasil com bolas e com as regras do esporte (BRUNORO,1997).

Para o futebol se popularizar como esporte no Brasil, não demorou muito tempo, segundo Brunoro (1997), o surgimento de indústrias impulsionou o aparecimento de campos de futebol, geralmente, eles surgiam ao redor dessas fábricas. Com isso, os clubes profissionais começaram a chamar jogadores-operários para completar os elencos. Além disso, segundo Caldas (1990), em dias de treino, os funcionários eram liberados mais cedo para participarem desses treinos, isso fez com que a classe mais baixa fosse inserida no esporte, mas o que ajudou mesmo foi em 1919, quando o Brasil conquistou o seu primeiro título sul-americano. Após esse título, os estádios cariocas e paulistas começaram a lotar em dias de jogos, conseqüentemente, eram comprados cada vez mais ingressos para torcer. Dessa forma, então, os clubes de futebol passaram por um dilema: para que a alta renda que vinha do público nos estádios se mantivesse, os dirigentes dos clubes precisavam inscrever cada vez mais jogadores-operários e esses clubes precisavam pagar salário a esses atletas, pois eles não tinham como se sustentar.

Todos esses fatores ajudaram o futebol masculino a se profissionalizar, entretanto, para que o esporte chegasse nas mulheres, que na época não podiam jogar e estavam presentes apenas nas arquibancadas, demorou muito mais tempo. Talvez essa seja a causa do futebol masculino ter mais destaque que o feminino nos dias de hoje. Como se pode ver, no futebol masculino houve rapidamente criações de ligas nacionais e internacionais, mas para o futebol feminino começar a ser praticado aqui no Brasil se teve um longo processo. As primeiras partidas de futebol feminino no Brasil começaram apenas por volta dos anos 20, nessa época o futebol masculino já estava em ascensão.

Na década de 40 se tinha apenas a prática em periferias, nessa época o esporte era tratado como algo para os homens praticarem por ser considerado "violento". Quando em 1941 a prática ganhou uma visibilidade foi de forma negativa, tanto que foi criado o CND (Conselho Nacional de Desportos) e a temática do futebol feminino foi parar neste conselho, e nele tinha um decreto de lei, onde dizia que as mulheres não deveriam jogar esportes que não se enquadravam na sua "natureza".

Apenas na década de 70, a lei de proibição foi revogada e em 1983 o futebol feminino foi regulamentado, dessa forma o futebol feminino começou a ser disputado de forma profissional e vem se desenvolvendo. Hoje em dia o futebol feminino vem numa crescente, ganhando mais visibilidade, um exemplo é a última Copa do Mundo Feminina, realizada em 2019. Mas ainda sim se tem muito preconceito, além desse preconceito com o futebol feminino também se tem

no masculino, no qual não se é comum ter jogadores LGBT (Gays e transexuais) nos grandes times e grandes ligas, seja jogando, administrando o clube ou até mesmo indo a jogos, comprovando um dos principais problemas no esporte.

O ex atacante do Watford, time que disputa a primeira divisão da Inglaterra, Troy Deeney, deu sua opinião ao podcast da BBC:

"Eu diria que provavelmente há pelo menos um jogador de futebol gay ou bissexual em cada time de futebol. Eles estão lá, estou 100% certo de que é assim. Se alguém se assumisse, estou convencido de que na primeira semana haveria pelo menos cem pessoas que fariam o mesmo. O problema é que ninguém quer ser o primeiro."

também acrescentou que a maioria dos jogadores se assumem depois que encerram suas carreiras no gramado, segue um trecho: "A impressão é que é algo realmente pesado para carregar durante sua carreira esportiva".

O ex futebolista comenta que se assumir aparenta ser um fardo e não parece ser mentira, um exemplo para se comprovar é a triste história do jogador Justin Fashanu, que começou sua carreira como profissional pelo Norwich, atualmente o clube se encontra na segunda divisão da Inglaterra, em janeiro de 1979, ainda aos 17 anos. Logo após sua temporada no Norwich foi contratado Nottingham Forest, também se encontra na segunda divisão da Inglaterra, onde não se adaptou marcando 3 gols em 32 partidas, porém havia rumores da sua vida extracampo, comentários de suas idas a boates gays, esses comentários chegaram ao técnico do time, Clough que o impediu de atuar e sequer treinar junto do time. Já que o treinador não o queria no time, foi emprestado para o Southampton, após isso sua carreira foi passar em vários times sem se firmar. Alguns anos depois de uma briga com o técnico em 22 de agosto de 1990, concedeu uma entrevista ao tabloide "The Sun" onde se assumiu gay.

Após se assumir não teve apoio dos colegas de profissão e nem dos amantes de futebol da época, passou por alguns clubes e até tentou ser técnico de um time nos Estados Unidos. Tempos depois, em fevereiro de 1998, foi acusado de estupro por um jovem de 17 anos, após uma festa. Em 2 de maio de 1998, dois meses depois da denúncia, Justin Fashanu foi achado morto numa garagem no leste de Londres. A causa era suicídio. Segue trecho de sua carta de suicídio: "Percebi que já havia sido considerado culpado..." "...por que eu fugi? Bom, a Justiça nem sempre é justa. Senti que não teria um julgamento justo por conta da minha homossexualidade". Em sua carta não se tem a certeza se ele cometeu suicídio por ter se assumido e sofrido consequências ou por causa da acusação de estupro, mas ele deixa explícito que o fato de ser homossexual dificultou as coisas para ele.

Geralmente se é mais comum os jogadores se assumirem após encerrarem a sua carreira, uma vez que, podem ter sua carreira prejudicada, mas mesmo assim é em pequena quantidade, alguns jogadores após encerrar sua carreira em campo podem continuar trabalhando com futebol, seja como técnico, ou algum outro cargo dentro do clube, portanto alguns preferem não se assumir mesmo após acabar a carreira como jogador. Um exemplo de que se assumir é um risco é o jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, mesmo nunca tendo se assumido homossexual teve complicações na sua carreira, desde não ter seu nome gritado nos jogos pela torcida até protestos

após sua contratação, o caso do protesto aconteceu em 2017, logo após Richarlyson ter sido anunciado pelo clube Guarani.

A torcida é uma parte muito importante do futebol e é crucial para os times se manterem de pé, desde a energia e paixão que transmitem nos jogos até o dinheiro gasto, também, na maioria das vezes é considerado o “12º jogador em campo”. Porém os torcedores também são peça fundamental para o preconceito no futebol continuar acontecendo, por exemplo, as músicas preconceituosas que são cantadas em dias de jogo. Mas não são apenas eles, a imprensa, os dirigentes dos clubes também têm influência.

Bom, os torcedores não são os únicos a contribuir com a exclusão dos homossexuais no esporte, um caso interessante para se falar é de quando o jogador Víctor Cantillo foi anunciado pelo Corinthians, esse jogador estava acostumado a vestir a camisa 24 no seu antigo clube, o Júnior Barranquilla e quando chegou no Brasil isso se tornou um problema, não porque a camisa já tinha dono, mas sim porque, no Brasil o número 24 é associado a homossexualidade. Uma das possíveis explicações para isso é o “jogo do bicho”, nele o número 24 é o animal veado. A Stela Danna, doutoranda em linguística pela USP e pesquisadora do Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH-DL/USP), ajuda a entender melhor.

“Há quem insista em usar 'viado', por acreditar que o termo teria vindo das palavras 'desviado' ou 'transviado', ou seja, pessoas que teriam se 'desviado de uma normalidade', ideia preconceituosa e bastante difundida durante a ditadura militar. No entanto, o mais provável é que 'viado' tenha vindo da palavra 'veado', usada para designar um animal mamífero, veloz, delicado e tímido”

comenta Stela. Por conta disso, o diretor de futebol do Corinthians, Duílio Monteiro Alves, tinha negado o uso da camisa, chegou a dar uma declaração homofóbica em entrevista onde disse rindo “Vinte e quatro aqui não. É importante ressaltar que não é apenas no Corinthians que se tem esse problema, a camisa com o número 24 muitas das vezes é usada por jogadores que pouco jogam ou que não são relacionados para as partidas, como por exemplo, o terceiro goleiro do time, com isso a camisa nem entra nos gramados em dias de jogos.

Já se foi falado dos jogadores, torcedores, dirigentes, mas e os árbitros? São peça fundamental para que uma partida de futebol ocorra. Os xingamentos e canções preconceituosas são coisas que já estão enraizadas na cultura do torcedor, e os árbitros acabam ouvindo das duas torcidas. Partindo disso, é importante se falar do árbitro pioneiro Jorge José Emiliano dos Santos, apelidado como “margarida”, um dos primeiros árbitros assumidamente LGBT no Brasil, estreou em 1988, no campeonato carioca onde se destacou com gestos espalhafatosos ao marcar faltas e distribuir cartões. Foi inspiração para outros árbitros lgbt, como por exemplo o Paulino Rodrigues da Silva, apelidado de “borboleta” outro que passou por problemas no esporte, desde agressões dos próprios jogadores a ameaças de morte vindas da torcida.

Em fevereiro de 2017 o ex-presidente do Vasco, Eurico Miranda, deu sua opinião um tanto quanto preconceituosa em uma entrevista à Antônia Fontenelle, no YouTube. O ex-mandatário,

afirma, sua oposição à presença de árbitros gays nos gramados brasileiros. Segue trechos da entrevista:

“Eu não sou contra o gay. Me manifestei no futebol sobre isso por ser contra árbitro gay. Isso desde lá atrás. Motivo de eu ser contra? Não tenho nada contra o gay, agora contra o chamado por todo mundo de gay, mas não é gay, é a bicha, a bicha extrovertida e toda cheia de coisa”

Ao longo da entrevista, Eurico Miranda complementa: “Ele pode tender para o namorado dele. Todo gay tem namorado. Ele é gay, tem que ter namorado. Desde o tempo de lá atrás, como o Margarida”

O fato do ex-presidente do Vasco da gama não ter sofrido consequências após essa entrevista apenas revela o ambiente hostil que é o esporte para os lgbt, seja para jogadores, torcedores e até mesmo os árbitros. Apesar dessas questões homofóbicas estarem explícitas no esporte ainda se é combatida de forma tímida.

Outra questão muito importante para se comentar é sobre o racismo existente no esporte, pode-se afirmar que o futebol é um reflexo da sociedade, questões como machismo, homofobia e racismo estão presentes em ambos, seja na sociedade atual ou na antiga, por exemplo o futebol manifestava uma série de problemáticas que eram reflexo da estrutura psicossocial do final do século XIX e início do século XX no Brasil. No decorrer da transição do Império para República, poucos momentos se teve uma estabilidade política que gerasse avanço no âmbito social. E mesmo o menor avanço social não igualaria a disparidade do imbróglío que era a formatação da sociedade brasileira. Com isso o futebol, inicialmente dominado por classes mais abastadas, começa a reverberar a magnitude da complexidade que era o corpo social do país. Um povo dividido pelas questões classistas, raciais e da terra. Em que o Futebol vira um coliseu da luta ressignificada de classes. Não uma luta na primazia da palavra, como a Guerra de Canudos e a Guerra do Contestado. Mas uma luta simbólica em que os grupos historicamente excluídos buscam no futebol um alicerce para o pertencimento à nação. A partir disso o futebol é uma forma de conexão entre classes sociais, e especialmente busca de afirmação das classes que sofriam com a questão da distribuição de Terra e renda, e com aqueles que sofriam com as ramificações da escravidão e do Racismo Científico. Isto é, a integração do negro na sociedade de classes, como denominou Florestan Fernandes (1978). Segundo o autor, o fim da escravidão, do Império, e a generalização das relações de trabalho livre, não superaram os vícios aristocráticos da sociedade brasileira.

Alguns clubes foram cruciais na época, lutando contra esse racismo, escalando jogadores negros, pobres e operários. De acordo com o livro "O negro no futebol", do jornalista Mario Filho, o primeiro jogador brasileiro negro de que se tem notícia foi Miguel do Carmo (1885 a 1932), que, aos 15 anos, junto com outros garotos e rapazes do bairro da Ponte Preta, em Campinas, no interior de São Paulo, fundou, em 1900, o clube com o mesmo nome e que hoje é um dos mais antigos em atividade no país. Por permitir jogadores negros o clube Ponte Preta começou a sofrer preconceitos já na época, além de jogadores, seus dirigentes e sua torcida eram compostas por negros e operários então os adversários começaram a chamar o time e a torcida de macacos e "macacada", tanto que hoje em dia o apelido e o mascote do clube: macaca.

Além da Ponte Preta (SP), outro clube que também aceitou jogadores negros foi o Bangu, além disso também acabou com a "proibição" dos "pobres e mal vestidos" assistirem jogos na arquibancada, que antes eram destinados aos brancos. Outro clube que se opôs na época foi o Vasco da Gama, talvez o mais importante nessa luta, foi o primeiro clube dos 4 grandes do RJ a conquistar um título, em 1923, com um elenco composto por 12 negros, pobres e/ou operários. Essa vitória causou irritação na associação metropolitana de esportes atléticos (Amea), que era a responsável pelo campeonato na época e passou a exigir a demissão desses 12 atletas, dando desculpas para esconder o racismo, neste caso o presidente do Vasco da Gama, na época José Augusto prestes se opôs a essa ordem e cunhou um manifesto histórico, em 1924, pode-se dizer que esse documento é uma espécie de lei áurea do futebol, segue um trecho: "São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira. O ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter de comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da Amea". Segundo Helal (1997), com a saída do Vasco da Gama do campeonato de 1924, o público diminuiu muito, pois preferiu assistir a liga extraoficial, na qual o Vasco se fazia presente. O baixo público fez com que os clubes de elite convidassem o Vasco a participar da liga oficial de 1925, mas com muitas recomendações. O clube Vasco da Gama foi convidado de volta apenas por questões financeiras, caso contrário teria sido excluído permanente da liga e vários clubes que hoje em dia são considerados grandes iriam se opor ao Vasco, um exemplo desses clubes é o Fluminense, para se ter acesso ao Fluminense tinha que pertencer à "boa família". Alguns clubes da época demonstravam em seus próprios nomes sua inegável origem, como, por exemplo: Paissandu Cricket Club, The Bangu Athletic Club e o Rio Cricket and Athletic Association, sendo que este último era fechado para ingleses e filhos destes. Já o Bangu, apesar de ser de ingleses admitia negros em seu elenco, que eram os operários da fábrica e os colocava em pé de igualdade com os mestres ingleses, o que não acontecia com Botafogo e Fluminense. (MARIO FILHO, 2003 – P. 29).

O racismo no futebol, que antes era dado de forma escancarada, hoje em dia ainda existe. As entidades do futebol brasileiro como por exemplo a CBF já implementaram novas leis no esporte, os clubes das maiores ligas do Brasil fazem campanhas de conscientização, mas mesmo assim esses atos continuam acontecendo pois de qualquer jeito a punição é muito fraca, dificilmente um clube sofre as consequências.

De acordo com o levantamento feito pelo observatório da discriminação racial do futebol, dos 56 casos de racismo no esporte brasileiro em 2019 14 foram no Rio Grande do Sul, e ninguém foi penalizado judicialmente pelas ocorrências em estádios gaúchos, dois desses casos geraram multas de 10 mil e 1,25 mil para Juventude e Novo Hamburgo, respectivamente, decisão do STJD e do TJG-RS. Apenas em um caso o infrator foi identificado. Isso mostra como as leis implementadas são fracassadas.

Também é de grande importância entender também como os negros entraram em convocações para a seleção brasileira, segundo Máximo (1999) pelos anos 20, o presidente da República Epitácio Pessoa recomendou que não incluíssem mulatos na seleção brasileira que

foi a Buenos Aires disputar o campeonato Sul-Americano, de acordo com o presidente era importante projetar uma imagem do Brasil no exterior, era importante que o país fosse representado pela sua "melhor sociedade".

A profissionalização do futebol foi importante para se ter uma redução do racismo no esporte, os atletas passaram a ser contratados e pagos através de seus níveis técnicos, a cor de pele passou a ser uma questão menos importante. Com isso o futebol brasileiro conseguiu conhecer talentos como o de Leônidas da Silva, que se saiu muito bem na copa do mundo de 1938, disputada na França, até essa copa era mais complicado ter a presença de jogadores negros, ainda era algo visto com maus olhos.

Mas ainda sim o racismo se mostrava bem presente na sociedade e refletia veemente no futebol, a partir dos anos 50, de acordo com Mario Filho (2003), foi à década que se teve os momentos tensos na relação sociedade x negros no futebol, com os casos das Copas do Mundo de futebol em 50 e 54, pois os jogadores de origem negra foram responsabilizados, por torcedores e imprensa, pelos fracassos da seleção brasileira. Para o autor, o pior caso aconteceu com o goleiro Barbosa na Copa do Mundo de 1950.

De acordo com Mario Filho (2003), a era Pelé e a denominação dada pelo mundo do futebol de "futebol arte" para a seleção dos anos de 58,62 e 70 foram marcantes para o processo de inclusão e reconhecimento do negro no futebol brasileiro.

É inegável que atualmente questões como racismo e homofobia ainda estão presentes na sociedade, porém novas leis, novos "tempos" fazem com que hoje em dia, na teoria seja algo menos explícito e que criminosos que cometam tais injúrias sejam punidos mais veemente e em maior número do que antigamente, e no esporte mais popular do mundo não deveria ser diferente, mas muitos criminosos passam impune na maioria das vezes.

___Além das campanhas de publicidade e das mensagens nos uniformes de jogo, a Fifa não possui orientações claras sobre como se deve proceder em casos de racismo entre jogadores ou árbitros. No seu código disciplinar, instrui os árbitros em procedimentos no qual o racismo parte da torcida, mas quando parte de dentro dos gramados os árbitros ficam perdidos. O regulamento geral da competição cita o racismo de forma muito superficial: "As competições nacionais oficiais do futebol brasileiro exigem de todos os intervenientes colaborar de forma a prevenir comportamentos antidesportivos, bem como violência, dopagem, corrupção, manifestações político-religiosas, racismo, xenofobia ou qualquer outra forma de discriminação". Essas questões causam impactos no esporte e mostram que para esses tipos de casos a entidade não está preparada, um exemplo recente do despreparo foi no jogo entre Flamengo e Bahia, no dia 02/09/2020 válido pelo campeonato brasileiro, o atleta do Flamengo acusa o do Bahia de racismo no meio da partida, porém o árbitro que na ocasião era o Flávio Rodrigues de Souza apenas prosseguiu com a partida. Esse caso seguiu para os tribunais, mas o relator determinou o arquivamento do inquérito pela insuficiência de elementos probatórios, nos termos do artigo 82, §4º, do CBJD (Código Brasileiro de Justiça Desportiva)."

Já no jogo entre São Paulo e Vasco válido pelo Campeonato Brasileiro, no dia 25/08/19 foi o primeiro jogo a ser paralisado por conta de cantos homofóbicos vindos das arquibancadas. O árbitro que apitava o jogo era o Anderson Daronco que além de ter paralisado a partida, esperando com que os cantos parassem também relatou os gritos homofóbicos na súmula, de acordo com o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) casos como esse seriam punidos de forma mais rígida, com perda de pontos até ser expulso da competição. Porém, de acordo com os procuradores do STJD, o clube Vasco da Gama agiu de forma imediata para cessar a manifestação preconceituosa, com ajuda de alto-falantes e do placar eletrônico de São Januário. Esse episódio não causou qualquer punição para os infratores ou para o próprio Vasco, mas fez com que os 20 clubes da série A se posicionarem contra a homofobia em suas redes sociais

5 - Capítulo 2 – A criação de uma masculinidade problemática e o futebol como esporte voltado para homens heterossexuais

Nos últimos anos o debate em torno da identidade masculina tem apontado para uma crise da masculinidade do homem contemporâneo, problema o qual já ocorreu no século passado: o estado de decadência masculina, conforme descreve Bandinter (1993).

A discussão sobre a masculinidade é de extrema importância hoje em dia, porém essa discussão é mais antiga do que parece, podendo ser encontrada desde o período vitoriano segundo trabalhos de Foucault (1986), Costa (1995) dentre vários outros autores. É importante debater esse assunto, pois ele vem causando vários problemas, seja para os homens que acabam se tornando reféns de hábitos e costumes problemáticos e até mesmo para o resto da sociedade, basicamente a masculinidade que foi construída pela sociedade é algo ultrapassada, sendo assim até podemos chamá-la de masculinidade tóxica, que vai ser um dos assuntos abordados nessa monografia.

Essa construção social faz com que muitos homens tenham que seguir um conjunto de regras que os tornem "homens de verdade", caso queiram ser aceitos com esse título, e tais regras são bem repressivas e estão ligadas a comportamentos violentos, nos quais a força física é valorizada e questões banais como, por exemplo, demonstrar sentimentos são lidos como fraqueza. Desde sempre o significado de "ser homem" é o mesmo, isso porque é algo que já está inserido na sociedade, algo que se é aprendido mas não só a masculinidade como também a feminilidade, um exemplo disso são os homens vitorianos, na era vitoriana exemplos de personagens másculos ecoavam através da arte vitoriana, representada sobretudo na literatura, pintura e escultura da época, os mesmos tinham que seguir esses padrões "másculos", padrões de como se vestir, de jeitos de andar, de entonação de voz e até mesmo qualidades psicológicas como a bravura e o heroísmo eram tratados como símbolo de masculinidade, caso não seguissem tais regras não seriam aceitos como "homens". Algo que também ocorre na atualidade, pois essa imagem do homem que foi construída pela sociedade burguesa, infelizmente, ainda ecoa no significado de "ser homem" na atualidade, causando a tal masculinidade tóxica, já citada.

Para conseguirmos entender os problemas causados, usamos como base o relatório da Organização Pan-Americana da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), lançado em novembro de 2019. O mesmo traz dados preocupantes, a cada cinco homens que vivem nas Américas um deles morre antes dos 50. Também, de acordo com os dados desse estudo, as expectativas sociais em relação aos homens são capazes de aumentar o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, vícios e até acidentes de trânsito e homicídios, além de contribuir para o aumento das taxas de suicídio, todas essas questões estão diretamente ligadas à masculinidade tóxica.

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), foram estimados cerca de 68,2 mil novos casos de câncer de próstata no Brasil. Porém, o imaginário de masculinidade frágil caso façam

os procedimentos médicos acabam por afastar os homens, o que acaba levando ao tratamento tardio, em estágios avançados — e, conseqüentemente, diminui as chances de cura.

Os problemas não param aí, até o trânsito sofre a interferência da masculinidade tóxica. Dados divulgados pelo Governo do Estado de São Paulo, em 2016, 77% dos mortos em acidentes de trânsito no Estado eram homens.

Além do trânsito, o futebol também é um espaço em que se confirma tudo citado e é onde os jogadores também têm que reafirmar sua virilidade de forma máxima e as torcidas não passam impunes, brigas ocorrem constantemente nas arquibancadas e nos entornos dos estádios em dias de jogo. Dentro de campo, acontece o mesmo, brigas e discussões mais acaloradas ocorrem quase em todo jogo, seja entre jogadores rivais, entre jogadores e juizes ou bandeirinhas e até mesmo entre jogadores do próprio time. Várias outras questões que estão presentes no esporte podem ser questionadas, por exemplo em relação ao visual de um jogador, ele será alvo de críticas, jogadores que usarem chuteiras coloridas, ainda mais se forem da cor rosa. O caso escolhido deixa mais explícito a interferência desse fenômeno no futebol: O jogador Héctor Bellerín concedeu entrevista ao jornal britânico “The Times”, o mesmo afirma sofrer ataques homofóbicos pelo seu gosto por moda e até mesmo pelo seu cabelo e ainda complementa: “O problema é que os torcedores têm uma idéia de como um jogador deve se vestir, como ele deve se comportar e como ele deve falar... Se você se comportar de maneira diferente do que o esperado, você se torna alvo de críticas”.

A verdade é que esse significado de masculinidade tem um impacto muito negativo no esporte, grande parte dos torcedores compactuam com a ideia de que existe um "homem de verdade", pois essa ideia já está enraizada, Bandinter(1995, p. 117) ajuda a imaginar a descrição de tipos de jogadores que os torcedores querem em seu time e os tipos de jogadores que eles não querem, além de terem a idéia do que seria "ser homem" no qual entendem como: "ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso, não ser feminino na aparência física e nos gestos..." É interessante comentar a parte em que Bandinter diz que para ser homem não se pode ser homossexual ou feminino, essa ideia de masculinidade explica o motivo para que não se tenham jogadores LGBT assumidos participando do esporte, uma vez que o futebol é um esporte de muito contato em que a todo momento se tem divididas, cabeçadas, carrinhos, etc. Esse torcedor tem uma ideia de que se tiver um jogador LGBT no time, não será um jogador “raçudo”, ou um jogador que não “aguenta o tranco”, pois associa força, raça aos tais "homens de verdade" e se tem uma imagem contrária em relação aos LGBTs, já que de acordo com essa construção que somos ensinados para se ser homem não se pode ser homossexual.

O futebol então acaba por se tornar um lugar muito hostil e até mesmo perigoso para os LGBTs, principalmente, nas arquibancadas. Por isso, desde os anos 70 existem torcidas gays. As primeiras começaram com o Grêmio de Porto Alegre (RS), em 1977, a Coligay, e com o Flamengo (RJ) a Fla-Gay, em 1979. A Fla-gay foi uma iniciativa do botafoguense Clóvis Bornay, que convocou a torcida pro jogo na véspera de um fla x flu e o resultado foi o pior possível, o time do flamengo perdeu de 3x0 e além do preconceito sofrido pelo resto da torcida

o presidente da época Márcio Braga depositou a culpa da derrota na Fla-gay, diante dessas homofobias explícita a torcida acabou por se desfazer e ao longo dos anos tentaram se reerguer mas oposições vindo da própria diretoria do Flamengo fizeram com que a torcida se desse por encerrada. Hoje em dia essas duas torcidas pioneiras sobrevivem apenas em lembranças nas redes sociais porém não é bem visto pelos torcedores rivais e muitas vezes é usada como motivo de piadas, uma demonstração clara da homofobia existente no futebol ainda nos dias de hoje.

O Brasil é repleto de torcidas organizadas, torcidas “politizadas” e não é diferente em relação às torcidas lgbt, o único problema é que podemos perceber que essas torcidas não frequentam os estádios por medo de retaliações e então acabam ficando presas a torcer e se comunicar através das redes sociais, com isso são poucas as torcidas que continuam a ativa nos dias de hoje, há vários exemplos: O torcida lgbt do Atlético Mineiro recebe o nome de Galo Queer, foi fundada por Nathalia Duarte, uma cientista social belorizontina, a torcida foi criada através do aplicativo Facebook e não frequenta os jogos. Chegou a ter sua página com cerca de 10 mil curtidas excluída pelo Facebook sem explicações e semanas depois outra foi criada. Hoje em dia a página tem cerca de 3 mil seguidores e seu último post é de julho de 2019.

A torcida lgbt do Palmeiras recebe o nome de porcoirís, também frequentam os jogos mas sem camisas e bandeiras do coletivo. A torcida faz sucesso nas redes sociais, atualmente tem cerca de 10 mil seguidores no Facebook, criada pela Thaís Nozue em 2013, teve como inspiração a Galo queer. A página de Facebook tem postagens recentes

Algumas outras torcidas no Brasil como a Vozão Pride e LGBTricolor que são dos clubes Ceará e Bahia, respectivamente, ambas tem um apoio maior pelo clube. Isso é crucial para que as torcidas não acabem em razão do preconceito, além de ganhar mais visibilidade, faz com que o torcedor se conscientize em relação a homofobia presente no esporte.

De acordo com Paechter (2009, p.24) a masculinidade ou a feminilidade de uma pessoa não é inata nem natural, mas sim algo que é aprendido, que é constantemente retrabalhado e reconfigurado. E podemos perceber isso desde o nascimento, caso seja menino terá roupas azuis, até mesmo o quarto, e o mesmo ocorre caso seja menina, mas com a cor rosa. Também, na infância, quando brinquedos são separados pelo gênero, geralmente as meninas têm que brincar com bonecas, brinquedos que remetem a tarefas de casa, como por exemplo fogões, panelas; e enquanto isso os meninos brincam com armas, bolas de futebol e entre outros.

Algo a se destacar também é a ligação, que principalmente os meninos têm que ter com o futebol, muitas vezes já nascem seguindo os passos do pai, ensinados a torcer por determinado time e, também a praticar o esporte, caso não gostem do esporte, serão julgados.

CAPÍTULO 3 – Punições no futebol

Se compararmos o futebol de hoje em dia com o futebol de antigamente podemos ver que é um esporte diferente, seja por questões financeiras, com os avanços da tecnologia que mudam o esporte, um exemplo é o sistema de “var” implementado no início de 2019. E o foco do trabalho que também vem mudando ao longo das décadas, as questões sociais no esporte, se hoje em dia o futebol pode ser considerado um meio preconceituoso e machista, antigamente isso era pior, tais questões nem eram debatidas. Na medida que o tempo foi passando o futebol juntamente com a sociedade foi evoluindo, ainda se há muito a mudar para que o esporte seja visto de forma totalmente inclusiva, mas que se tem uma melhora é notável.

Os clubes se posicionarem em questões como a homofobia é algo recente, ano passado, em 2019 após o incidente do jogo Vasco x São Paulo, todos os clubes da série A postaram em suas redes sociais apoio a comunidade LGBT. Já no dia mundial contra a homofobia, vários clubes também prestaram homenagens em suas redes sociais. Isso de certa forma é pouco para que o preconceito no esporte acabe, porém já é um avanço. Um clube que vem sendo exemplo para outros é o Bahia, apoiando a criação da sua torcida LGBT, algo que muitos outros clubes se abstem.

Felizmente podemos ver esses casos de melhora no esporte, mas infelizmente para cada avanço se tem o dobro de retrocessos. Há diversos casos de violência contra lgbs no esporte, a maioria das torcidas lgbs comentadas no capítulo 2 foram criadas como forma de resistências, todos os fundadores delas carregam algo em comum, criaram ela após sofrerem ou presenciarem atos de homofobia dentro do seu próprio clube e também após a criação das torcidas receberam ameaças da torcida do próprio time, isso mostra a importância dos clubes no cenário. A homofobia é uma questão que não existe apenas no futebol, mas também na sociedade, mas e se os clubes fizessem campanhas com maior frequência... e se as leis e regulamentações no esporte fossem mais efetivas, seja punindo o clube, com certeza os casos nos estádios iriam diminuir e o esporte por sua vez se tornaria um lugar mais receptivo.

Após o supremo tribunal federal (STF) determinar em junho de 2019 que a homofobia seria considerada crime no Brasil, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidiu ser mais rígido com atos homofóbicos no futebol, punindo clubes caso atos homofóbicos acontecessem, indo de perda de pontos até a desclassificação da competição. Apenas em um jogo se mostrou efetiva, no jogo entre Vasco e São Paulo, onde o árbitro da partida após ouvir gritos e canções homofóbicas parou a partida até que tais coros parassem, porém não foi pra frente, o clube não foi punido de forma financeira, nem com perda de pontos. O mesmo ocorre com o racismo, mesmo os clubes já se posicionando a mais tempo em suas redes sociais o problema é o mesmo, as punições não ocorrem devidamente.

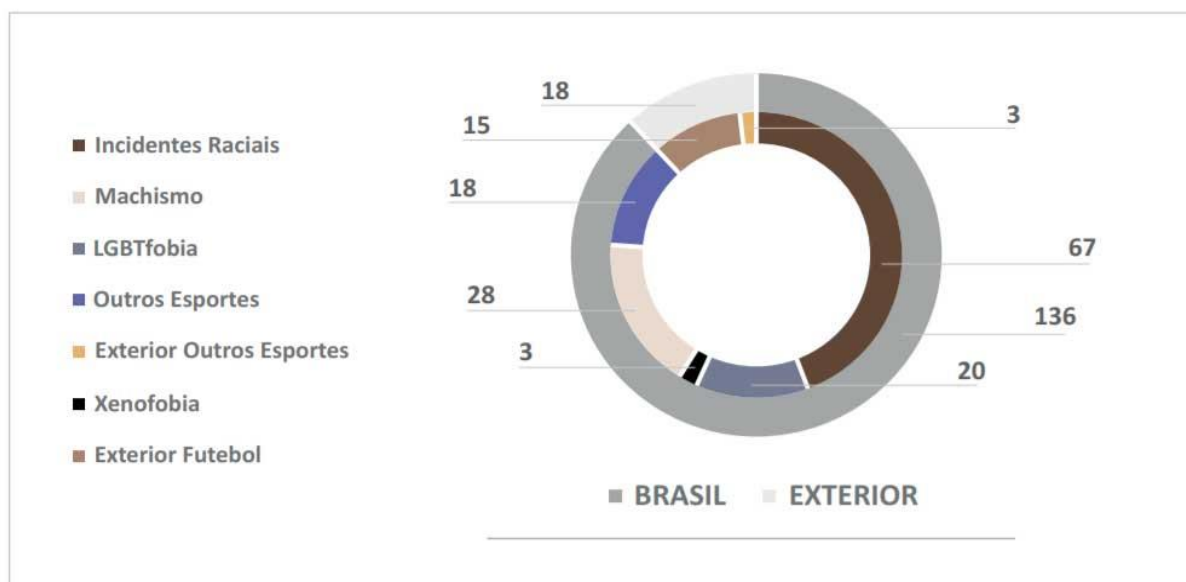
O parágrafo primeiro do artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva abre a possibilidade de um clube perder pontos ou até ser excluído de uma competição em casos de racismo. Mas tem um ponto, apenas se a discriminação for “praticada simultaneamente por considerável número de pessoas”. Não se sabe ao certo o tal número de pessoas para que as

maiores punições ocorram. O que o texto implica é que manifestações individuais e manifestações coletivas de racismo devem ter punições diferentes. O extremo da lei, com perda de pontos e exclusão, costumava ficar longe da pauta. Partindo da ideia de que os clubes são responsáveis e punidos quando se há brigas, tumultos, arremesso de itens no estádio, também deveriam ser caso houvesse manifestações preconceituosas vindo de sua torcida.

Não é que não se tem punições por racismo no futebol, desde 2005 se tem punições, o primeiro clube a ser punido por racismo foi o Juventude, denunciado pelo árbitro Alicio Pena Júnior, que apitou a partida contra o Internacional no dia 22 de outubro de 2005. Na súmula consta que os torcedores do Juventude imitavam e faziam gestos de macaco toda vez que o volante Tinga do Internacional pegava na bola. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), em decisão unânime, aplicou multa de R\$ 200 mil e tirou o mando de campo de duas partidas da equipe.

Desde então se tem vários casos de racismo, porém a grande maioria dos casos não geram punições pesadas ou não são nem punidos, com isso as denúncias acabam não sendo levadas a sério e alguns torcedores que presenciaram esses casos, ou até mesmo jogadores que sofrem optam por não fazer as faze-las.

Gráfico do observatório da discriminação racial no futebol:



(Número de casos ocorridos entre território nacional e exterior, divididos por tipo de discriminação, 2019)

O gráfico mostra os casos ocorridos, em território nacional e exterior, e divide os tipos de discriminações que ocorrem no futebol em 2019. Ao observá-lo podemos ver que as questões raciais no território são maioria, seguido por machismo e LGBTfobia. Talvez o índice de LGBTfobia não seja maioria pois muitos acabam deixando de denunciar, seja por medo ou por não ter expectativas de solução.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo apresenta conteúdos que demonstram os problemas que ocorrem no futebol, dando enfoque à homofobia e ao racismo. Graças ao estudo podemos ver que grande parte dos clubes do Brasil estão evoluindo se tratando de combater a homofobia, mas por ser uma pauta muito recente no esporte, ainda não se tem grandes avanços, sendo assim, são poucos clubes que estão mais engajados nessa luta. Já a questão do racismo o estudo mostra que já é algo mais presente no esporte, podemos ter essa confirmação vendo clubes como Vasco da Gama e Bangu escalando jogadores pobres e negros no início de suas fundações, sendo algo que revolucionou o futebol. Mesmo após esses atos o racismo no futebol não acabou e nos dias de hoje continuam existindo, mas essa pauta é debatida com muito mais frequência.

Além dessas questões do esporte, o estudo também fala sobre a questão da masculinidade tóxica e os problemas que ela vem causando na sociedade ao longo do tempo, até mesmo tendo influência no futebol.

Diante das pesquisas e estudos realizados, acredito que foi possível ter uma noção dos problemas existentes no esporte e entender que o futebol em geral é muito importante para grande parcela da população, com isso os clubes poderiam ser mais presentes em questões sociais. E que a construção da masculinidade é muito problemática e preconceituosa.

A importância desse estudo para a sociedade é de expandir o conhecimento sobre os assuntos, trazendo um amplo conjunto de conhecimento sobre os temas. Por muitas vezes as pessoas acabam tratando o futebol apenas como diversão e acabam esquecendo que o mesmo pode se tornar um palco para o preconceito, trazendo esse assunto e mostrando que os clubes podem se empenhar em questões sociais. Além de usar dados preocupantes para desmascarar a problemática por trás da masculinidade imposta pela sociedade, fazendo com que se reflita o conceito de “ser homem” e o entendimento do preconceito causado em ambos os assuntos.

7 - Referências Bibliográficas

ALLIATTI, Alexandre. Homossexualidade no esporte: brasil mantém futebol dentro do armário. **Globoesporte**, 10 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>. Acesso em 5 set. 2020

ALMEIDA, Luana; OLIVEIRA Victor. Dia mundial contra a homofobia: o esporte brasileiro segue sendo palco da luta contra o preconceito. **Globoesporte**, 17 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/globoesporte.globo.com/google/amp/pb/noticia/dia-mundial-contra-a-homofobia-o-esporte-brasileiro-segue-sendo-palco-da-luta-contra-o-preconceito.ghtml>. Acesso em 25 ago. 2020

ALVES Camila; CASTRO, Elton. Temporada de 2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro. **Globoesporte**, 02 de janeiro de 2020. disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/temporada-de-2019-registra-recorde-de-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro.ghtml>. Acesso em 16 ago. 2020.

BALZANO, Otávio Nogueira; OLIVEIRA, Daniel Maia Nogueira; FILHO, José Mário Pereira. A retrospectiva histórica da discriminação e inserção dos jogadores de origem negra no futebol brasileiro, NEPEC/IEFES - Universidade Federal do Ceará (UFC), 2010.

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIE, P. *A dominação Masculina*. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 11ª edição. 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo. Espaço Plural. Ano XIV, N. 29, 2013. P. 246 – 270.

BRUNORO, José Carlos & AFIF, Antonio. Futebol 100% Profissional, São Paulo: Ed. Gente, 1997

CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro, São Paulo: IBRASA, 1990.

CASTRO, Elton. Relatório mostra aumento de 52% nos casos de racismo no futebol brasileiro, mas só 10% são punidos. **Globoesporte**, 20 de novembro de 2020. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/relatorio-mostra-aumento-de-52percent-nos-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-mas-so-10percent-sao-punidos.ghtml>. Acesso em 10 fev. 2021

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. (2009), coleção: Revisitando o Brasil – Vol. 2. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em:<*cangaceiros.pdf(marxists.org)> acesso em: 15 fev. 2021.

FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 5ª edição, 2010.

Gonçalo Junior, Com medo de violência nos estádios, torcidas LGBT usam redes sociais como arquibancadas, 2019, <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,com-medo-de-violencia-nos-estadios-torcidas-lgbt-usam-redes-sociais-como-arquibancadas,70003081775> acesso em: 23 nov. 2019.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO | SELEÇÃO BRASILEIRA | **Globoesporte**. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>. Acesso em 8 fev. 2020

MÁXIMO, João. *Memórias do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Estudos Avançados, Relume-Dumará, 1999.

SOUZA, Marcos Alves de. *A 'Nação Em Chuteiras: Raça E Masculinidade No futebol brasileiro*. 1996. 20 f. Dissertação (Um) - Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

SILVA, Monique. Pelo direito de torcer: a luta contra a homofobia quer sair das redes sociais e ir para as arquibancadas. **Globoesporte**, 28 de junho de 2020. Disponível em:<https://globoesporte.globo.com/pr/futebol/noticia/pelo-direito-de-torcer-a-luta-contra-a-homofobia-quer-sair-das-redes-sociais-e-ir-para-as-arquibancadas.ghtml>. Acesso em 19 out. 2020

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Rio de Janeiro, UFG, PPGEF. tese de doutorado.1998.

VIEIRA, José Jairo. *Paixão nacional e Mito Social: A participação do Negro no Futebol e Ascensão Social*. UERJ - tese de doutorado. 2001.